
Assombrações: silêncios, barulhos e onde habitam

Hauntings: silences, noises and where they live

Francisco Wellington Gomes Filho¹
Manoel Carlos Fonseca de Alencar²

Resumo: O presente estudo tem como foco compreender como os silêncios e os barulhos preenchem os espaços de assombração. Para isso recorremos a duas histórias contadas por mulheres da cidade de Limoeiro do Norte/CE. Por meio de uma convergência entre a metodologia da História Oral, de uma abordagem micro-histórica e de uma descrição densa, pudemos nos embrincar nos detalhes das experiências com as assombrações. Desse modo, desbravar os sons e suas ausências foi importante para vermos como os espaços ditos de assombração se configuram. Os silêncios não caminham só, há barulhos à espreita para causar medo aos personagens das histórias narradas. Com isso pudemos nos deter a espaços e lugares e à maneira como estes eram preenchidos pelas interações entre assombração e sujeito.

Palavras-chave: Assombrações. Silêncios. Barulhos.

Abstract: The present study has as its focus to understand how the silences and noises fill the spaces of hauntings. For this, go to two stories told by women from the city of Limoeiro do Norte – CE. Through a convergence between the methodology of oral history, a micro-historical approach and a dense description, we were able to play in the details of the experiences with the shadows. In this way, exploring the sounds and their absentmindedness was important to see how the so-called haunting spaces are configured. The silences don't walk alone, there are noises lurking to frighten the characters of the narrated stories. With that, we were able to focus on spaces and places, and how these were filled by the interactions between haunting and subject.

Keywords: Hauntings. Silences. Noises.

¹ Mestrando do Mestrado Interdisciplinar de História e Letras (MIHL) da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). E-mail para contato: wellingtonf20@gmail.com.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). E-mail para contato: manoel.alencar@uece.br.

1. Introdução

As assombrações têm suas peculiaridades e continuam a permear a vida dos vivos. É nesse imbrincado relacionamento entre mortos e vivos que se tece esta narrativa historiográfica. Porém, para articular de forma concisa as fontes aqui utilizadas, far-se-á uso de métodos que, de certa forma, pode-se dizer que dialogam: a metodologia da História Oral, a micro-história e a descrição densa.

Nesse caminho serão traçadas trajetórias que se assemelham muito quanto à espacialidade e à tipologia das fontes. Essas últimas tratam de histórias de assombração, muitas das quais envolvem uma imposição de medos e sustos que quebram os silêncios nos momentos de interação entre o assombro e os sujeitos assombrados. Porém, antes de falar em silêncios, é importante destacar os barulhos, pois será na articulação entre ambos que poderemos perceber com mais clareza os espaços e os lugares em que os assombros habitam.

Habitar no sentido de estar presente. Veremos que assombrações, alma e visagem, não aparecem para os vivos sem exprimir sequer um barulho, e em muitos casos é essa quebra, esse limite entre o som e o silêncio, que causa o medo, a incerteza e a tensão no espaço praticado pelos sujeitos. Será com um olhar microanalítico e descritivo que poderemos traçar uma série de análises convergentes e diferenciadoras com uma historiografia que já existe e tem como tema as assombrações. Por exemplo, as narrativas aqui analisadas dialogam em uma historicidade com outras, mas trazem peculiaridades que as fazem se diferenciar de outros casos ocorridos mundo afora.

Será seguindo por esse caminho que veremos espaços e lugares não apenas como meros cenários geográficos, mas como construtores de sentidos e construídos por si mesmos, isso por meio de uma interação-ação entre os personagens das narrativas com as almas e as visagens.

Será na fronteira antes do barulho ecoar por quartos, varandas, estradas e casas que veremos o silêncio reinar. Ele constitui toda uma ambientação em que o interagir configura o ambiente assombrado. Lembremos que esse ambiente é um tornar-se, ou seja, antes da assombração se fazer perceptível o espaço não era assombrado, só se torna quando se sente a presença de algo sobrenatural.

É por isso que podemos dizer que essa interação nem sempre ocorre de forma tão espontânea, abrupta e direta. Muitas vezes a pessoa nem sabe que aquele espaço onde ela está se configura como assombroso ou que lá vai aparecer uma alma ou uma visagem.

É nesses meandros de não se saber que ambiente é aquele, que espaço é esse, que destrincharemos os recantos dos lugares e espaços de assombração. Por meio desse percurso conheceremos mais sobre suas ambientações e atmosfera de medo que o silêncio e os barulhos ajudam a construir. Nada ocorre por acaso e se aparece uma alma ou uma visagem, por exemplo, estas aparecem intencionalmente para alguém. Porém tem momentos que esses mesmos assombros surgem na vida dos vivos sem uma intencionalidade aparente, sem sabermos o porquê de eles estarem ali.

De igual forma também se fazem ver diante dos olhos dos vivos almas e espíritos, que, muito conscientes, sabem o que querem e o que fazer para lidar com os vivos. São almas barulhentas, invisíveis e em alguns casos também silenciosas. Mas até onde vai a fronteira entre barulho e silêncio quando lidamos com espaços ditos assombrados ou prontos para serem assombrados? Que espaços e lugares são esses que se preenchem de medo e inquietudes? Como ocorre essa interação entre sujeitos e assombrações?

Essas perguntas serão um guia para nos aprofundarmos nessa investigação e para isso teremos que seguir um caminho permeado por detalhes e variáveis que nos ajudarão a entender melhor as diferenciações desse mundo permeado pelas assombrações, de modo que é Jaques Revel (2000) quem nos apresenta uma pergunta impulsionadora: “Por que ser simples quando se pode ser complicado?”, diz ele ao se falar de pesquisa micro-histórica.

Complexificar a análise, nesse sentido, é estabelecer um enfoque micro para depois reduzir a escala, dentro de um jogo em que poderemos estabelecer uma profusão de compreensões aparentemente não percebíveis. Esse olhar sobre os detalhes quase imperceptíveis é um dos aspectos que Giovane Levi (1992) mais defende ao tratar de micro-história e redução de escala, perspectiva que converge com os tais “traços finos” que Jaques Revel (1998) menciona ao procurar por detalhes aparentemente não vistos em uma escala macro, larga.

Nesse caminho desvendaremos uma atmosfera de medos, em que símbolos são notados, presenças assombrosas fincam seus pés em espaços ditos de outros (dos vivos), mas que as almas e visagens reivindicam. Nesse percurso veremos também uma interação nos espaços ditos de assombração, com suas peculiaridades, se formar. Tudo isso contribui para o fazer-se de uma ambientação impregnada de medos e tensão.

Desse modo, surge uma pergunta: que assombros são esses e que sujeitos interagem com eles? As narrativas colhidas advieram de homens e mulheres da

cidade de Limoeiro do Norte/CE. São pessoas acima de 60 anos que contam histórias de assombrações pouco vistas, ouvidas ou sentidas numa experiência direta no mundo de hoje. O que vemos na atualidade são assombrações que permeiam as vias do cinema, dos *games* e do YouTube. Esses são espaços da mídia que trazem outras roupagens, outras narrativas sobre o imaginário que evolue almas e visagens. Os relatos dos depoentes nos levam para especificidades de um mundo quase perdido no tempo e no espaço, sendo resquícios de medos antigos.

As entrevistas colhidas trazem suas particularidades: histórias que seriam perdidas se o olhar do historiador não se atentasse em buscá-las. Por meio de uma metodologia de História Oral (FREITAS, 2002; LOZANO, 2006; PORTELLI, 1997) foi possível ir a campo e colher histórias de experiências de homens e mulheres com assombrações.

E para executar esse empreendimento de explorar os espaços e lugares de assombrações repletos de silêncios e barulhos recorreremos a Giovane Levi (1992), pois para ele o trabalho do micro-historiador é como uma ciência experimental, um trabalho que se faz em meio a variáveis. Em suma, uma “micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 136).

Desse modo, será atravessando caminhos percorridos pelos sujeitos das histórias, será no preparar-se para dormir ou até verificando sons minimamente estranhos ao redor ou dentro de casa que a microanálise será utilizada, juntamente com uma descrição densa. Descrever para complexificar. O que se quer é especificar, mostrar variações entre os assombros, os espaços, os lugares, a ambientação, a atmosfera de medo e as simbolizações que se formam e preenchem todo o espaço de ação e interação entre sujeitos e assombrações. Descrever densamente é isto: detalhar ao máximo um aspecto da cultura. Procurar entender como na microanálise aqueles elementos se interrelacionam, como se entrelaçam (GEERTZ, 2008).

Micro-história se faz com detalhe, mas não somente assim. Existe um contexto em que cada fragmento de um evento encadeia-se, configura-se. É seguindo esse percurso que poderemos explorar melhor cada rastro deixado pelas almas e pelas visagens em suas interações com os personagens, assim como destacar os recantos dos espaços e lugares com seus silêncios quase prontos para serem rompidos e barulhos à espera de causarem incertezas.

Percorrendo esse caminho em busca de histórias de assombração foram encontradas almas que são escutadas, aparentemente, por dentro de uma mata densa;

almas que invadem casas, atormentam o sono e jogam objetos pela casa. As duas narrativas a serem analisadas trazem um traço comum: as almas não são visíveis, não se mostram para os vivos. Em muitos casos é quando a noite reina que elas querem revelar sua presença, o escuro parece trazer uma surpresa, uma dúvida, um aspecto de algo sobrenatural. Essas são algumas características das almas encontradas nas narrativas de nossos depoentes.

2. Os invisíveis e seus barulhos

Em 1940, na Canafístula de Cima, um pequeno povoado do bairro do Bixópa em Limoeiro do Norte/CE, ocorreu um evento minimamente estranho para as pessoas que tinham costume de andar e percorrer as estradas por aqueles lados do município. Maria do Carmo Nunes Maia³ contou que seu pai levou toda a família para morar na Canafístula – na época ela e os irmãos eram pequenos, Mari tendo em torno de 7 anos de idade. Lá na casa onde ficaram, de aspecto desgastado de tão velha, o pai da garota colocou trabalhadores para pernoitarem, homens que prestavam serviços (trabalhos) para ele.

A casa ficava no meio de uma mata densa, muito conhecida como mata pasto, que atingia a altura de uma pessoa adulta. Ao aproximar-se o período da noite esses homens foram dormir no alpendre grande que a casa tinha, assim armaram suas redes para descansar e adormecer. O pai de Maria do Carmo contou a ela que quando estavam todos deitados escutaram barulhos estranhos. “Quando deu fé veio aquele trovejo, assim, a modo uma cavalaria, os home levantaram e levantaram as redes pros bichos passar por baixo”⁴.

Para Maria do Carmo isso foi alguma assombração que rondou e atrapalhou a noite de seu pai e os trabalhadores. O seu relato termina sem ela dizer se realmente o pai e os trabalhadores viram alguma coisa, porém fica a certeza de que barulhos de uma cavalgada foram ouvidos – ou poderia ser de algum grupo de animais. O estranho nessa história é cogitar que esse assombro passou por debaixo das redes e que os homens se levantaram primeiro e depois subiram as redes. Se fosse algum grupo de animal seria perceptível e eles teriam visto. Ou, se eram animais grandes, por que se levantariam e subiriam as redes para deixá-los passar? Ou será que realmente era uma cavalgada?

Esses questionamentos não são à toa. Esse relato tem algo de muito estranho. Poderia ser um sonho, mas dificilmente todos os homens sonhariam sobre a mesma coisa, certamente. Seria pouco provável. Ademais, há algo de incongruente: ao ouvir sons semelhantes a uma cavalgada todos se acordam, ao que parece, bastante assustados. E a primeira ação é levantarem-se e olharem para debaixo da rede. Isso

parece ser um assombro bem peculiar, pois se era alguma alma que não poderia ser vista ou sentida mesmo materialmente, mesmo invisível, não faz muito sentido se levantar e olhar debaixo da rede.

Tudo isso nos leva a conjecturar sobre que sons tão peculiares eram esses no meio da noite e que se pareciam com um tropejo de cavalaria passando. Então pausemos por hora essas conjecturas que não parecem levar a lugar algum e comecemos analisando elementos contidos na história que nos suscitam uma investigação histórica, simbólica e espacial do ocorrido.

Cavalgadas assombradas existem desde meados da idade média, sendo sua primeira nomeação datada no século XII, por um monge anglo-normando chamado Orderic Vital. Essas cavalgadas tinham relação com uma tradição folclórica das tropas dos mortos, porém nos relatos do monge são encontrados o nome de bando Hellequin. Os relatos sobre esse bando são variados e incluem pessoas recém-falecidas, camponeses, anões, gigantes e cavaleiros trajados em negro (SCHIMITT, 1999: 112).

Essa última categoria é o grupo do bando que mais se assemelha à narrativa de Maria do Carmo, pois em seu relato ela menciona barulhos como se fossem de uma cavalaria. Só que a reação do seu pai e dos outros se assemelha mais a um susto repentino, pois eles se levantam de forma rápida para verem se teria algo debaixo das redes, porém não foi visto nada – se foi, não disseram o que ou quem era. O que sabemos é que o susto foi tremendo e que ouvir sons estranhos, como o de uma cavalaria passando enquanto se está dormindo, não parece ser algo que acontece de forma comum, ainda mais no meio da noite.

Devemos destacar que a mata estava alta, algo poderia ter passado nas redondezas e a cobertura do mata pasto poderia muito bem ter impedido de visualizar uma cavalgada passando. Isso converge com os relatos do bando Hellequin da idade média, pois este passava por campos abertos ou florestas, como comenta o historiador francês Jean-Cloud Schmitt (1999). Podemos pensar que os trabalhadores da zona rural são acostumados a dormir quase ao relento e supor que eles não se assustariam tão facilmente, mas o tipo de barulho era tão estranho que o susto os fez agir procurando algo próximo de onde dormiam.

É aqui que vemos a relação entre barulho e silêncio aparecer. Não é só o barulho que desorienta, o silêncio também. Como diz Eni Orlandi: “O silêncio não para; ele muda de caminho” (ORLANDI, 2007, p. 13). Esse caminho são os sentidos que podemos encontrar quando o silêncio está presente. O antes, o durante e o depois estão permeados de silêncios. Os homens armaram suas redes sem nada

ouvir sobre o que havia na mata, já durante o sono de descanso nada escutaram por um bom tempo até que veio o peculiar, o susto, a dúvida sobre que som era aquele de cavalgada que estava passando.

O rompimento do silêncio foi tão abrupto que o barulho os fez realizarem ações que, como conjecturamos antes, parecem estranhas. Vemos que todas aquelas suposições que fizemos anteriormente confluem para uma desorientação entre silêncio e barulho de algo não visto e em uma noite escura. Parece que a prevalência do silêncio antes de vir o barulho cria possibilidades para atribuirmos sentidos não só aos sons, mas também ao espaço e aos lugares onde os homens estão.

Temos um cenário que, mesmo sendo da primeira metade do século XX, não se diferencia tanto de uma zona rural medieval: uma casa, uma estrada, a mata com um capim alto e a escuridão da noite. Seria esse um cenário que traz fortes indícios de um bando Hellequin no sertão do Ceará? A rede de dormir seria o único elemento que compõe o cenário que se destoa, um objeto exclusivo do sertão cearense em comparação com o medieval. Questionar o espaço poderá ajudar a elucidar essa questão.

Um espaço englobante que circunscreve o local de descanso dos homens. Pensar o lugar como de dormida para esses homens nos leva a perceber uma mudança. Se no preparo para dormir o alpendre da casa era lugar de descanso e calma, no instante dos sons e trovejos de cavalaria esse lugar se transforma. Uma nova atmosfera surge, o susto e a incerteza corporificam-no, dão-lhe uma nova configuração. O lugar praticado muda a ambientação e os significados do espaço a partir da interação entre assombração e sujeitos (CERTEAU, 1998).

A própria noite é símbolo de incertezas e medo, em que o desconhecido suscita a imaginação e algo pode estar à espreita pronto para atacar. A noite impede o visual, parecendo contribuir e fazer estranhar sons e movimentos percebidos pelos sentidos humanos. Para os trabalhadores os barulhos são incômodos; o silêncio deveria reinar. O mínimo som faz com que a atenção e a dúvida os ponham a pensar sobre do que se trata aquele trovejo de cavalgada. A imaginação recria as sensações, o simples susto ou medo faz pensar que o sobrenatural anda à espreita escondido na escuridão (DELUMEAU, 2009).

Nesse contexto, apesar do barulho de cavalaria que Maria do Carmo menciona nos levar ao bando Hellequin, há uma grande divergência entre esses casos. A narrativa contada por nossa entrevistada nos diz que nada foi visto. E os relatos do bando Hellequin são bem perceptíveis. Uma visualização da tropa dos

mortos é documentada nos trabalhos de Schimitt (1999) e Ginzburg (1988, 2012) mostrando um grupo heterogêneo de almas caminhantes.

O máximo que podemos nos aproximar é em termos de sons de cavalgada, pois nem mais um detalhe nos foi dito. O som, o barulho e o silêncio parecem refinar muito o sentido que podemos atribuir a certos assombramentos experienciados por nossos personagens. Nisso, o cenário de assombração constituído pelos espaços e lugares repercute sentidos e sensações peculiares. Vemos que, nesse entremeio, susto, incerteza e redes sendo levantadas falam muito de uma forma de sentir medo no interior cearense. Em comparação com as cavalgadas medievais, o gesto de subir as redes pelo medo e pelo espanto é um dos traços culturais de maior destaque nesse caso assombroso.

3. Objetos e seus ruídos

Por fim, a segunda narrativa que nos foi contada traz elementos semelhantes aos já discutidos. Ela foi narrada por Maria Neuma Pitombeira⁵, passando-se o ocorrido em 1948. Ela conta que seu pai, quando jovem, por volta dos 20 anos, vinha do Espinho, uma comunidade rural, para o centro da cidade. Com isso, dormia na casa dos Pitombeiras (seus parentes). Essa casa ficava ao lado da Igreja Catedral no centro da cidade de Limoeiro do Norte/CE. Neuma disse que o que seu pai contou a ela ocorreu umas duas ou três vezes.

Ao chegar na casa de seus parentes, preparou sua dormida na sala da frente, sendo que às vezes dormia sozinho na casa e durante as noites demorava a pegar no sono. Em certa noite, já deitado e pronto para dormir, escutou o que parecia ser uma bacia de alumínio ser jogada atravessando o enorme corredor que a casa tinha, que ia da grande sala de jantar (que também era a cozinha) até a sala da frente, onde ele estava. Só ouvia “tetetetetete! Essa bacia batendo no chão”, ao ouvir o estampido o rapaz levantou-se e ascendeu a luz, mas não havia nada! Para Neuma, esse tipo de situação se configura como uma visagem: “aí eu acho que a *visage* é isso aí, ele acendia a luz e *num* tinha bacia, *num* tinha nada [*sic*]”.

Outras noites ou até na mesma noite “ele escutava, ele disse que também aconteceu de reboarem copo de alumínio”. “Tatatata! Ele disse que ouvia aquela pancada, assim como se fosse uma bacia”. Ele levantava-se para verificar o que era, ligava a luz, “não tinha bacia, não tinha nada”. Ele olhava e tudo estava em seus lugares. Depois da investigação voltava a se deitar e dormia sem medo, segundo ela, até o dia amanhecer. Conforme o relato, Neuma disse que a bacia existia e era muito usada pela família nos afazeres domésticos. “Sempre o pessoal fala que aquela casa dos Pitombeira é mal-assombrada”.

Aqui vemos outro caso de casa assombrada. Só que há um diferencial na fala da nossa entrevistada: para ela esses barulhos produzidos por algo que não se vê é uma visagem. O caso se diferencia muito do anterior, no qual os barulhos foram ouvidos fora de casa, além disso há um outro elemento a ser considerado, pois o pai de Neuma não teve medo dos barulhos. No mais, antes de abordarmos mais detalhes, é importante saber se existe diferença entre uma alma e uma visagem.

A alma, para Câmara Cascudo (1999), carrega um sentido humano forte, sendo conhecida também como fantasma. É comum vê-la com aparência esbranquiçada, como se estivesse vestindo branco, e tem uma fala humana anasalada, sendo que fica na terra até a missa de terceiro dia ou até pagar por suas promessas. Para a definição de assombração, Cascudo (1999) diz que é o ato de sentir medo por alguma aparição sobrenatural; já o significado de visagem o folclorista fala que é uma alma de outro mundo que causa assombração, é uma aparição de cabelos desgrenhados que causa medo. Desse modo, visagem se aproxima mais da definição de assombração do que de alma.

Vemos aqui nessas três definições que uma assombração tem essa intencionalidade de causar medo diretamente por meio de algum som ou apenas com sua presença para uma pessoa. Por outro lado, visagem e assombração, em Cascudo, se assemelham pela ligação de significar uma aparição visível que causa medo. Porém um som é uma assombração, assim como pode ser caracterizado como visagem quanto ao medo que o barulho pode causar a uma pessoa. Então podemos convergir todos esses significados e definir o conceito de visagem que aqui utilizamos como uma aparição, visível ou não, que tem a intenção de causar medo a um sujeito.

Nos nossos relatos trouxemos assombrações não visíveis justamente para questionar essa definição que Cascudo dá a visagem, pois, apesar de abarcarem vários sentidos, suas definições não contemplam uma relação com aspectos sonoros e do silêncio como fator que contribui para uma ambientação assombrosa. E é nisso que nossas narrativas mais se detêm. Aqui tratamos a visagem como um som produzido por alguma aparição não visível. Aqui o não visível não significa invisível. A aparição pode até ter aparecido para ser vista e identificada, assim como uma alma, mas os sujeitos não estabeleceram qualquer contato visual com o que poderia ou não ter sido visto.

Lembremos que na narrativa anterior o pai de Maria do Carmo e os trabalhadores não avistaram o que era aquele som de cavalgada. O mata pasto era alto, o que muito provavelmente poderia ter impedido eles de enxergarem o que havia após o matagal. Dentre essas duas narrativas de assombração o pai de Neuma

foi o único que foi verificar imediatamente, mas não viu bacia ou copo fora dos lugares nem quem os jogou.

Com isso podemos afirmar que esses relatos nos contam que existem muitas variações para um mesmo fenômeno sobrenatural. As interações dos personagens com os assombros fazem com que sentidos diversos sejam produzidos na configuração dos espaços por eles experienciado. Assim, faz com que os conceitos de alma, assombração e visagem se tornem mais complexos dentro desse meandro de espaço sobrenatural. Agora, voltemos à história do pai de Neuma e sua experiência na casa mal-assombrada.

Essa história traz uma peculiaridade em relação a outra: o pai de Neuma vai verificar imediatamente a procedência dos sons, mas ao ascender a luz não vê desordem alguma. A bacia ou o copo não estavam espalhados pela casa. O barulho forte que ouviu não o deixou pegar no sono inicialmente.

Casas mal-assombradas são comuns quando se tratam de histórias de assombração, como já mencionamos. Um caso muito antigo é narrado no livro *Êxodo 4.24-26*, na região da Israel antiga, em que um demônio tenta assombrar a família de uma mulher chamada Zípora que buscava pernoitar em uma casa. Vemos que a presença do sobrenatural com a noite volta a estar presente, parecendo uma simbiose em que os assombramentos não podem ocorrer sem a escuridão prevalecer (SILVA, 2012).

As casas mal-assombradas são cheias de alaridos, rangidos e sons estranhos que atravessam a noite de quem pretende se aventurar e pernoitar em seu meio. O historiador francês Jacques Le Goff (2017), em seu estudo sobre o Purgatório, fala de fantasmas que por breves momentos podem aparecer para os vivos e sair do mundo do Purgatório. O nosso caso poderia ser semelhante a isso? Seria a alma de algum ancestral dos Pitombeiras que tenta atormentar o sono de seu parente? É possível que sim, mas a narrativa não deixa claro o que ou quem é a visagem que assombra a casa.

A presença dos mortos adentrando casas vem desde a Antiguidade e não passa pela Idade Média sem deixar seus rastros. Anteriormente mencionamos a tropa dos mortos e suas ações que ignoram os ambientes internos da casa, conforme menciona Schmitt (1999). A tropa prefere caminhar pelos campos. Já Ginzburg (1988) menciona a tropa dos mortos que passa próximo às casas, e quando isso ocorre as pessoas fecham as portas, talvez por temerem a entrada das almas no recinto doméstico. Espacialidades diferentes em temporalidades distintas trazem ressignificações para as crenças e práticas dos mortos e para quem lida com eles.

A narrativa contada por Neuma traz uma variação quando comparada às tropas dos mortos: apenas uma única alma tenta atormentar o interior da casa. Isso faz com que se assemelhe ao caso de Zípora. Desse modo, Schmitt (1999, p. 202) também fala sobre a aparição de pessoas mortas de forma individual: “o morto individual volta [...] em sua própria casa, onde aparece a um membro da família”. Isso revela o que ele chama de “uma geografia doméstica da aparição” (SCHMITT, 1999, p. 202).

Semelhante ao nosso caso, a visagem que surge na casa dos Pitombeiras escolhe a sala de jantar como palco para mostrar que está presente. Os barulhos parecem ser um alerta para quem estiver dormindo acordar. A visagem quer incomodar quem quer que seja. Talvez queira fazer uma visita a um parente. Se veio fazer uma visita, a única coisa que nos indica que a alma quer se comunicar é o som: o barulho dos objetos de alumínio sendo jogados. Eles podem significar que a alma não quer ninguém na casa e o visitante não é bem-vindo.

Ainda seguindo os rastros do relato, Neuma diz que seu pai, após verificar e não encontrar nada, volta a dormir. Essa postura é semelhante a um antigo caso no Crato/CE, em que os habitantes de uma casa escutavam barulhos das almas fazendo café. Quem contou essa história foi Maria Generosa. Para a moradora, “é melhor deixá-las [, as almas,] fazerem o serviço, pois tudo passaria sem mais tormentos” (SANTOS, 2017, p. 14).

Os assombros e seus sons não causaram medo ao pai de Neuma, assim como foi com Maria Generosa, mesmo o ocorrido se passando à noite e ambos tendo como lugar a cozinha (sala de jantar). Com isso podemos destacar que talvez fosse comum para essas pessoas experienciar situações como essa. Vemos que ao relacionar as assombrações da antiga Israel e as medievais com as experiências com assombração no sertão cearense podemos perceber que nem sempre estas trazem interações atormentadoras entre os sujeitos que interagem com uma alma ou uma visagem.

Essas situações de ausência de medo se diferenciam de outra que ocorreu no Crato/CE. Dona Toinha conta que em um povoado das redondezas havia uma casa mal-assombrada em que ninguém conseguia passar a noite. Ouviam-se sons de panelas, pratos e vasilhas batendo (SANTOS, 2017).

Vemos que na nossa história e nas do Crato a interação entre sujeito e assombração ocorre pelos cômodos da casa: sala de jantar, corredor, sala da frente e cozinha. Ao que parece, a intensão dessas visagens era causar medo, mas isso não ocorre sempre. Parece que é o tipo de experiência com a assombração que remodela

os sentidos atribuídos ao lugar. Como lugar de dormida, a sala é praticada como sendo para descanso e assim continua a ser, pois o pai de Neuma não sente medo.

Essa ausência de medo não é encontrada na outra narrativa (de Maria do Carmo) analisada anteriormente e nesse último relato do Crato/CE, da moradora Dona Toinha. O que notamos foi que a mudança de sensação e emoção dos personagens ajuda a corporificar o lugar e torná-lo de assombração. Vemos, assim, como o lugar praticado configura e constrói significados diferenciados para o espaço que o circunscreve (CERTEAU, 1998).

Porém na nossa última narrativa, apesar da assombração forçar uma mudança de sensações, o lugar não se assombra por completo. A intensão é assombrar com os barulhos e com o não visto, mas por alguma razão o pai de Neuma não se deixa amedrontar; resoluto, ele volta a dormir. Se a dormida foi tranquila não sabemos, e, se teve medo, não demonstrou. Aqui temos “o lugar em que o sujeito ‘se’ significa para significar. O silêncio torna possível esse gesto de interpretação mínimo (e nem sempre pequeno), aquele que nos instala na origem de nós mesmos e de nossos sentidos. Imaginariamente” (ORLANDI, 2007, p. 156).

O rompimento do silêncio causa pelo menos uma inquietação no pai de Neuma. Inicialmente é um incômodo, pois vai verificar o que ocorreu. Talvez imagine não ser nada ou só o vento, mas o ponto-chave é a verificação. Ao ligar a luz e não ver nada percebe-se que o mal assombro está na casa, porém reluta em interagir com ele. Se a visagem queria impor medo, não conseguiu, pois o homem volta a dormir. Para ele, o rompimento do silêncio é momentâneo, já que não sente medo e a sua ação é a de voltar a cair no sono. Com isso o silêncio voltaria a se estabelecer para que a ambientação propícia para o descanso voltasse a se instalar. E é o que ocorre. Desse modo, vemos uma tentativa de causar medo malsucedida pela visagem.

Apesar de Delumeau (2009, p. 23-24) nos dizer que “o medo é ambíguo. [É] inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos”, ele não atinge o pai de Neuma, que não sente medo algum dos barulhos estranhos que estão na casa. Esse é um caso bem peculiar, dentre as narrativas coletadas, em que a casa contém um assombro, a noite prevalece, mas o medo não se instala na ambientação e na mente do sujeito. Assim, podemos concluir que não são todos os barulhos ou silêncios que provocam sustos e temores. Ainda há pessoas que não se deixam amedrontar pelo sobrenatural. Diferentemente da outra história analisada, nessa o silêncio reinou e o descanso da noite pareceu se concretizar.

Historiamos os silêncios e os barulhos em meio a espaços e lugares que, por mais que se assemelhassem, traziam suas peculiaridades. Vimos como a ausência de sons e, por outro lado, os estrondosos estampidos e rangidos da noite podem interferir e transformar os significados de um espaço, tornando-o de assombração. E, por mais que o medo nem sempre tenha prevalecido, pudemos notar que algo de sobrenatural, certamente, rondou naquela noite.

4. Conclusão

Almas e visagens realizando suas ações como se fossem humanos contribuem para uma configuração diferente dos espaços praticados. Se pensarmos como poderia ter sido narrar essas histórias sem a presença de uma assombração, certamente falaríamos muito menos sobre os espaços, as interações e as emoções que se constituíram neles.

Imaginemos o pai de Maria do Carmo e os trabalhadores dormindo tranquilamente sem acordarem no meio da noite; ou pensemos em nenhuma bacia ou copo sendo arremessados por corredor adentro, no caso da história com o pai de Neuma. Ao imaginarmos tudo isso, perceberemos noites tranquilas onde todos acordaram, muito provavelmente, bem descansados. Porém analisar histórias de assombração nos revela mais. Nelas o inquietante surge como se fosse do nada, repentino. Os barulhos parecem querer fazerem-se presentes e escutados.

Os sons ouvidos que estilhaçam o silêncio nos ajudam a perceber ações estranhas dos nossos personagens. Vimos que o romper-se do silêncio é tão brusco e os barulhos ouvidos são tão incomuns que atordoam as ações dos que querem dormir, fazendo-os olhar debaixo de suas redes para verem nada passar e não saberem de onde vem o trovejar de cavalaria em certa hora da noite.

O lugar praticado, assim como o espaço, é configurado pelas ações dos sujeitos, cada movimento, sensação ou percepção faz o espaço se corporificar, ganhar novo sentido. De igual modo, o espaço, com sua ambientação e atmosfera circunscreve os nossos personagens. Vimos como a casa, a noite e o quarto trazem simbolizações e significados que atingem os sujeitos que ali estão.

Vemos, dessa forma, uma simbiose em que o espaço e os lugares bem como a assombração e os sujeitos se embrincam, dando forma a novos significados espaciais. Uma espacialidade que mudou sua representação, conforme fomos comparando com outros casos análogos. Vimos que a Antiguidade, a Idade Média, a Modernidade e a Contemporaneidade não estão ausentes de assombrações. Pelo contrário, pudemos notar que cada exemplo elucidava os pontos que queríamos ressaltar.

Assim, é mergulhando nos detalhes que a redução da escala e a descrição densa nos levaram a analisar as minúcias de casos de assombramento. Fazer micro-história é se deter em detalhes não vistos e não explorados se não fosse uma microanálise. Embrenhar-se em marcas e rastros do cotidiano das ações dos sujeitos, nas suas simples ações diárias, nos leva a um estudo intensivo das fontes e uma complexificação do estudo das assombrações e sua historicidade.

Os diálogos que tecemos com casos de assombrações da Antiguidade, da Idade Média, da Modernidade e de outros espalhados pelo Brasil e Ceará para historicizar com os narrados por Maria do Carmo e Neuma nos remetem justamente a essa importância de pensar em micro. Micro-história, microanálise e descrição densa foram o que fizemos aqui. Esse viés propiciou explorar frestas, ângulos e perspectivas que não seriam vistos se não fosse usada essa abordagem. A análise das narrativas de assombração revelou, assim, espaços assombrados de diferentes maneiras, com distintos sentidos, conforme o modo de interagir, sentir e agir no espaço e nos lugares praticados.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombração na região do Cariri**. f. 177 Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes; Ediouro, 2012.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LE GOFF, Jaques. **O nascimento do purgatório**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LEVI, Giovanne. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15-25.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.
- REVEL, Jaques. A história a rés-do-chão. *In*: LEVI, Giovanne. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 7-37.
- REVEL, Jaques. Microanálise e construção social. *In*: REVEL, Jaques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência**

da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **A mística do tempo**: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE. Fortaleza, f. 327, 2017. Tese (Programa de pós-graduação em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

SILVA, Ivson Bruno da; SANTOS, Luciane Alves. O fantástico em Pernambuco: leituras do espaço em assombração no rio formoso, de jayme griz. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 20, n. 8, p. 141-157, abr./jun. 2020.

SILVA, Ruben Marcelino Bento da. **Assombrações na Bíblia Judaica**: Estudo classificatório sobre tradições folclóricas de demônios e fantasmas difundidas no Antigo Israel e subjacentes aos textos hebraicos canônicos. f. 122 Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Notas

- ³ Maria do Carmo Nunes Maia, 85 anos, entrevista gravada em 15 de julho de 2018.
- ⁴ Todas as partes da narrativa que estão entre aspas são falas diretas das entrevistadas.
- ⁵ Maria Neuma Pitombeira, 73 anos, entrevista do dia 10 de maio de 2018.